

## OLHARES DOCENTES

# Quilombo: patrimônio cultural ontem e hoje<sup>1</sup>

**Lyjane Queiroz Lucena Chaves**

Licenciada em História (UFRR) e Pós-Graduada em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



Escola no Quilombo Jauari, Oriximiná – Foto: Carlos Penteadó

**É** muito comum nos depararmos com conteúdo que no geral aborda uma sociedade distante da nossa, logo, a realidade também nos parece distante. Por isso, é essencial trazer para mais próximo do aluno a sua realidade, assim também deve ser feito na formação de professores que irão atuar de alguma forma na educação quilombola, se faz necessário conhecer os aspectos culturais e sociais dos quilombolas, para só assim,

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Educação Escolar Quilombola, promovido pela Revista África e Africanidades, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

desenvolver um ensino concreto, que almeje atingir todos os níveis sociais daquele grupo.

No processo de colonização, esses povos eram considerados sem cultura, e essa ideia errada continua deixando marcas profundas até os dias de hoje, onde muitos brasileiros ainda acreditam que de nada esses povos contribuíram para a construção da nossa cultura brasileira, excluindo –os e menosprezando – os de todo um processo em que ele fizeram e fazem parte, seja no sistema político, econômico, cultura e/ou social, abrindo espaço para o preconceito e discriminação racial.

Analisando Darcy Ribeiro em sua obra O Povo Brasileiro (1995), a importância desses povos é indiscutível, eles foram a base, o alicerce dessa cultura colorida e heterogênea que conhecemos como a brasilidade:

O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguendade de não – índios, não – europeus e não – negros, que eles se vêem forçados a criar sua própria identidade étnica: a brasileira (RIBEIRO, 1995, p. 131).

É imprescindível estudar e valorizar a cultura afro-brasileira em todos os níveis escolares de maneira que permita derrubar essa padronização de que o negro é sujo, preguiçoso e sinônimo de escravo. É preciso utilizar o ambiente escolar como um espaço que trabalha a igualdade dentro das diferenças, ou seja, é importante é reconhecer e valorizar as diferenças.



Unidade de Educação Básica Elvira Pires, na comunidade quilombola São José dos Pretos, em Itapecuru-Mirim. Foto: Divulgação.

Na teoria já existe essa preocupação em valorizar a cultura negra no processo educacional, que é o caso da Lei n. 10.639/2003, mas na prática

parece ainda está travado a uma série de desafios, como por exemplo, o choque de ideias de vários grupos sociais. O outro desafio é com a formação docente e a preocupação em criar estratégias de ensino que permite deixar as aulas mais dinâmicas e ricas, garantir uma ressignificação cultural às matrizes africanas, além de oferecer ao professor, comunidade escolar e acadêmica e sociedade em geral, a oportunidade de serem agentes no processo de luta contra a discriminação racial.

Na teoria percebe-se a necessidade de inserir e valorizar a diversidade cultural que constrói a cultura brasileira. Contudo a preocupação é em relação as práticas, que existem, e nos questionamos como colocar em prática Lei n. 10.639? O que foi discutido ao ser aprovado a lei? Quem são os envolvidos e interessados? Sem dúvida essa são questões com respostas amplas que requerem o envolvimento de todos os setores sociais e a contínua fiscalização e discussão. A aplicação da lei não deve ser um fato isolado e com data de validade. Regulamentar a educação quilombola é reafirmar que as desigualdades precisam ser superadas, é repensar em práticas educativas que se encaixem na realidade da comunidade escolar.

Os quilombos representaram e representam uma forma de resistência e combate à escravidão e exclusão social, onde os negros desenvolveram uma comunidade para lutar por liberdade e resgatar a sua cultura africana, o que acabou por contribuir com a formação da cultura afro – brasileira:

Estas lutas de reconhecimento transformaram as comunidades de quilombo em símbolo da resistência negra contra a dominação escravista criminosa e, depois da abolição do escravismo, como marco das lutas contra a dominação racista eurocêntrica. Nestes processos de luta social e de reconhecimento histórico foram importantes as contribuições da pesquisa acadêmica e não acadêmica (JÚNIOR, 2012, p.166).

As mudanças trazidas dizem respeito às medidas que modelaram a cultura e sociedade, por isso se faz de extrema necessidade, lançar novos olhares para essas questões de grupos sociais excluídos.

## Referências

JÚNIOR. Henrique Antunes Cunha. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano XI, n. 129 fev. 2012. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/14999/8667/0>>. Acessado em outubro de 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras – 1995. São Paulo. 2 edição.